

Katia Marsicano (texto)
Ronaldo de Oliveira (fotos)
Da equipe do Correio

Dez anos atrás, nascia o assentamento vizinho a Taguatinga. Hoje, são muitas cidades dentro de uma cidade, onde apesar das dificuldades, há progresso

Samambaia...



As crianças jogam futebol nas ruas estreitas de Samambaia, hoje uma cidade que já tem ruas arborizadas, boas casas - e que até há pouco tempo era só poeira, barro, miséria e violência

...surpreendente

Samambaia há uma semana vive em clima de comemoração. Fala-se muito nos dez anos da cidade que teria começado com jeito de assentamento e, hoje, busca aos poucos se tornar independente. Mas, na verdade, a história de Samambaia não começou no ano em que centenas de famílias foram transferidas para as primeiras quadras. O ano de 1989, quando isso aconteceu, significou apenas o registro do fim da Boca da Mata, do Ceub, da Asa Branca e outras tantas invasões espalhadas pelo DF.

A oficialização de Samambaia, como Região Administrativa XII, em 25 de outubro, veio quase quatro anos depois da construção das casas de um grupo de pessoas que apostou no projeto

da nova cidade ainda satélite, que prometia lazer, áreas verdes, recreação, enfim, tudo o que se espera de um lugar para viver com a família e criar os filhos.

A cidade, a poucos minutos de Taguatinga, tinha uma planta, foi anunciada na televisão. Os lotes, licitados pela Terracap em 1985, podiam ser escolhidos pelo candidato a morador. "Quis o meu de frente para o nascente", lembra, orgulhoso, o comerciante Joaquim Araújo Lima, 50 anos. Há 14 anos, ele deixou o aluguel e foi construir o barracinho (que hoje é uma bela casa), no conjunto 11 da QR 406.

Com Joaquim e sua mulher Maria Medalha, outras pessoas foram chegando à nova cidade. Hoje, na mesma rua, restam poucos daquele tempo, em que se-

quer havia ônibus para chegar a Taguatinga. A caminhada era difícil, principalmente para quem trabalhava ou precisava levar as crianças para a escola.

Mas estavam construindo o futuro. Não importava o transporte que estavam enfrentando. Foi quando souberam que a cidade crescerá. Novas quadras seriam formadas. A primeira delas foi a QR 603, onde, na tarde do dia 15 de março de 1989, chegaram os novos pioneiros da cidade. Dona Maria dos Prazeres Batista da Silva, duas filhas e dois netos — um deles com 22 dias de nascido — era um deles.

A história de Samambaia, hoje, pode ser resumida assim. Se é que se pode resumir a história e a vida de quase 200 mil pessoas, que chegaram e continuam che-

gando em busca de um lote. Na verdade, muito pouco se sabe sobre Samambaia ou as Samambaias que existem — sim, porque só percorrendo as ruas, com e sem asfalto, arborizada e na terra vermelha, é possível entender que há mundos, comunidades completamente diferentes, separadas pelo tempo, pela hora do desembarque no lugar em que passarão a morar.

E ninguém melhor para falar sobre suas vidas em Samambaia do que essas pessoas. Sejam elas pertencentes ao grupo que chegou em 1985 ou ao de 1989. São elas que sabem de suas necessidades. São elas que conhecem, mais do que qualquer registro oficial, o que significa morar em Samambaia. Ressentem-se do que pensam sobre elas — lamen-

tam quem acredita que na cidade só existe barro e violência.

"Temos problemas, claro, mas gosto de morar aqui", afirma, sem pensar, o professor Duarte França de Moura, 40 anos, que não pensa em sair da casa que brigou na Justiça para construir, na QR 406. "Quase a Terracap me toma o lote, por causa do pacto de retrovenda. Mas consegui construir a tempo." E sorri.

A contadora Martinha Batista da Silva, 24 anos, uma das crianças da Boca da Mata que foram para Samambaia no caminhão, entre colchões e roupas velhas, lembra que chegou a chorar muito. "Eu queria ir embora daqui de qualquer jeito", reconhece. "Era uma criança, mas com o tempo entendi que era essa a nossa casa."

ANIVERSÁRIO



Dona Maria chegou com os filhos, num caminhão: "Era mato puro"

MARIA DOS PRAZERES,

PIONEIRA DA QR 603

Ela e os moradores da sua rua são os primeiros do assentamento de Samambaia. Dona Maria dos Prazeres Batista da Silva, 56 anos, maranhense falante e muito vaidosa, conta, sem pestanejar nos detalhes, a história que conhece da cidade. A história que, para ela, começou às 13h do dia 15 de março de 1989, quando o caminhão da Fundação do Serviço Social parou no descampado da QR 603.

"Minha filha, aqui não tinha nada, nada, nada, era mato para todo lado", descreve, apontando para a quadra ainda hoje (dez anos depois) sem asfalto e de casas humildes. Lembra que chegou a Samambaia, com as filhas Rosilene, 22 anos, e Martinha, à época com 10 anos. Rosilene trazia nos braços o filho Railson, com 22 dias de nascido, e pela mão puxava Luana, com cinco. Logo atrás, o irmão de Maria, portador de deficiência, João, 30 anos.

Tudo era estranho, mas o grupo acreditava que a vida seria melhor do que a que levavam nos últimos seis meses, na invasão da Boca da Mata. A viúva estava decidida a lutar e terminar de criar as filhas. "Alguém teve a idéia de montar uma tenda para as mães solteiras, onde nós ficamos", lembra. O pequeno Railson, de tão branquinho, despertou preocupação em todos, por causa do sol. "Tinha gente que dizia

"Quem foi embora daqui é porque não soube dar valor ao sofrimento"

que de tão lindo, esse menino não devia morar em Samambaia", comenta a filha Martinha, contadora formada.

Maria dos Prazeres levantava às 5h para lavar a roupa no chafariz, onde hoje está o ponto de ônibus da QR 603. Se fosse mais tarde, era capaz de dar briga com as outras mulheres. Era proibido lavar roupa lá. Permitido mesmo era só encher o latão e voltar para casa. E nada de banho também. Assim foi durante um bom tempo. Só a luz chegou um mês depois.

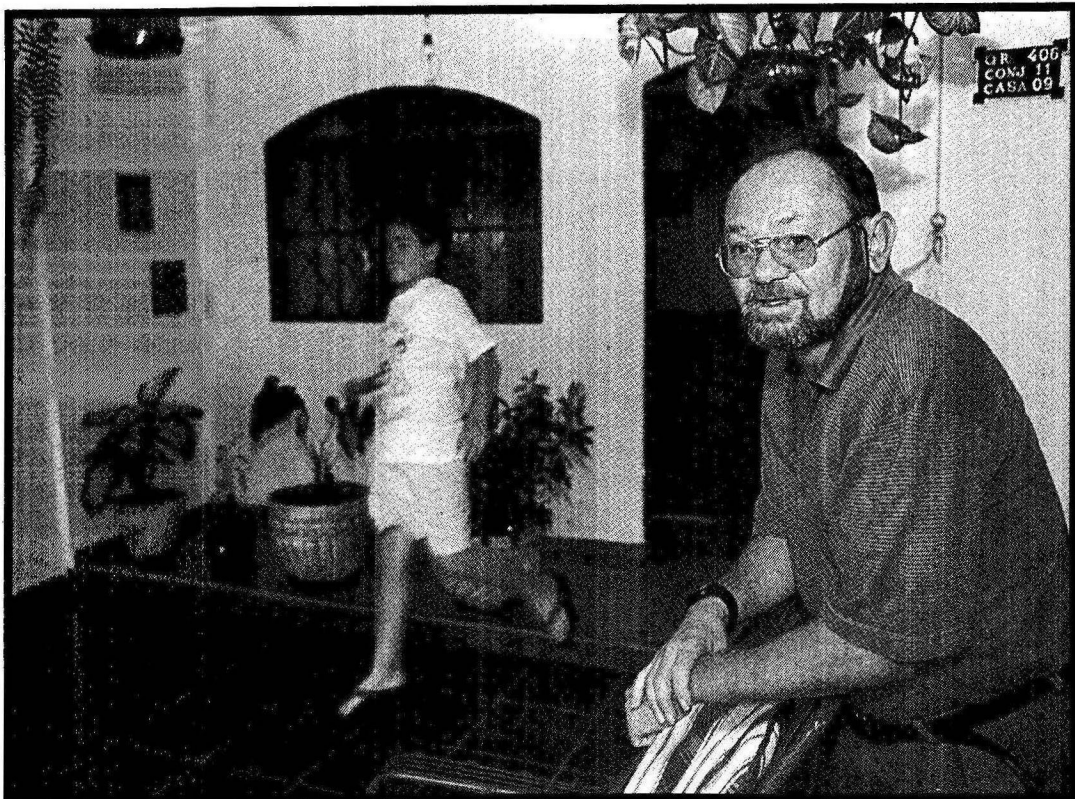
Devota de Nossa Senhora Aparecida, Maria dos Prazeres não revela sequer um sinal de amargura quando conta tudo o que passou. "Minha mãe é assim, ela usa o sofrimento para tocar a vida", diz a filha, que, aliás, é um dos orgulhos de Maria. Mesmo morando em Samambaia, continuou estudando em Taguatinga até terminar o 2º grau. Hoje é conta-

dora. O pequeno escritório funciona no próprio quarto, onde cuida dos negócios de quase 60 clientes.

"Ela me ajuda a sustentar a casa", admite a mãe, que vende salgadinhos sob encomenda e din-din para a meninada da rua. A casa também foi construída desse jeito. Aos pouquinhos. "E Deus nos ajudou tanto que nunca passamos fome". Todos os domingos, às 7h30, Maria está na Igreja Nossa Senhora Aparecida, a poucos metros de casa e onde se encontra com o outro grupo de pioneiros da cidade, que mora na QR 406.

De Samambaia, Maria não tem ressentimentos, mas gostaria que, no aniversário de dez anos da cidade, sua quadra ganhasse a notícia do asfaltamento. "Puxa, nós fomos os primeiros e ainda não temos". Na QR 603, as casas continuam sem pintura — a maioria delas ainda deixa expostos os tijolos, quase da cor do barro da rua.

Maria também queria um hospital. Sentada no sofazinho estampado da sala, conta os apertos que passou com o irmão deficiente. Nas duas vezes em que ele desmaiou, precisou correr às pressas em busca de ajuda. Mãe e filhas também precisam constantemente de consultas médicas por causa dos problemas cardíacos e da pressão alta. "Era o que eu queria para Samambaia".



Pioneiro, Joaquim já ganhou o título de cidadão honorário da cidade onde nasceram os três filhos

JOAQUIM ARAÚJO LIMA,

PIONEIRO DA QR 406

O valor do lote, Joaquim sabe na ponta da língua: Cr\$ 2 milhões 501 mil. Foi quanto custou a mudança de vida de sua família, do aluguel no setor QSE, em Taguatinga Sul, para Samambaia, na QR 406, a primeira quadra da cidade. Primeira mesmo. Porque quando o então governador Joaquim Roriz resolveu criar o assentamento da QR 603, várias famílias já estavam instaladas em Samambaia, desde 1985.

O comerciante Joaquim Araújo Lima ficou sabendo da licitação de lotes da Terracap pela televisão. Prometia-se uma cidade nova, cheia de vantagens. Com a mulher, a professora Maria Medalha, conseguiu economizar o suficiente para pagar os 30% de caução. O resto foi dividido em 18 meses — “de muito aperto, diga-se de passagem”, lembra ele.

Comprado o lote, obra iniciada, o primeiro problema a enfrentar era a falta de transporte. Maria, que dava aulas no Centro de Ensino 10 de Taguatinga, continuou morando na antiga casa. Era muito difícil ir e voltar a pé, mas acabou tendo que se juntar ao marido. Os dois, durante pelo menos oito meses, cruzaram várias vezes os quatro quilômetros que dividem uma cidade da outra. “No meio do mato e das cobras, porque ainda não tinha estrada aberta”, brinca.

Tudo isso acontecia ainda no governo José Aparecido. Para

“Muita gente pode achar estranho, mas o que eu mais gosto aqui é do sossego”

superar as dificuldades, Joaquim e José Ális Azevedo, outro pioneiro da QR 406, fundaram uma associação de moradores. E a primeira reivindicação, claro, era transporte. Foi quando implantou-se a primeira linha de ônibus — ou melhor, microônibus —, que duas vezes por dia levava os moradores de Samambaia para Taguatinga.

“De lá, a gente pegava outra condução para o Plano Piloto”, conta ele. Ainda junto com José Ális, Joaquim teve a idéia de transformar sua casa num posto dos Correios e mercearia. Todos os dias, o natalense bem disposto ia de bicicleta para Taguatinga, às 5h, buscar o pão que às 6h30 já podia ser comprado pela vizinhança.

De todos os moradores da quadra, o que mais ficou famoso e hoje faz palestras nas escolas, sobre sua experiência pioneira em Samambaia, é José Ális Azevedo, funcionário da

Administração Regional. Seu barraco foi o primeiro. Seu casamento com a contadora Clara Salgado também foi o primeiro.

E por conta disso, até hoje coleciona fotos e recortes de jornal sobre sua vida. Ális já recebeu o título de cidadão honorário de Samambaia, concedido pela Câmara Legislativa há dois anos. Na cidade, nasceram os três filhos — Jonathan, 12 anos, Jefferson, 9, e Janderson, 6 —, as crianças que brincam na rua estreita da quadra, com o filho de Joaquim, Martinho, 11 anos, que também nasceu em Samambaia.

Hoje, o lote que custou Cr\$ 2,501 milhões em 1985, para Joaquim e sua família não tem preço. “Mais sei que uma casa aqui vale entre R\$ 35 mil e R\$ 40 mil”, avalia o comerciante. Entre ele e seus vizinhos da rua e dona Maria dos Prazeres, que chegou à cidade no caminhão do assentamento, as necessidades se parecem bastante.

Do mesmo jeito que Maria dos Prazeres, Joaquim espera um hospital, mais agências bancárias, caixas de coleta dos Correios e telefones públicos. Fora isso, também gostaria que as pessoas que ainda não conhecem (e falam mal) de Samambaia fossem ver de perto a cidade. “Aqui tem muito mais coisa do que o que dizem os noticiários policiais”.



Ele hoje cuida das plantas, mas antes não acreditava que era possível viver bem em Samambaia

JAIR DE SOUZA SILVA,

PIONEIRO DA QR 406

Das 114 quadras residenciais de Samambaia, pelo menos uma tem características diferentes das outras. O fato de ter pracinhas arborizadas pode ser considerada a primeira delas. Na QR 406, tem isso. Pracinhas e muito gramado entre os conjuntos — tudo plantado e cuidado pela própria comunidade. O verde que falta nas outras quadras está todo lá.

Um dos responsáveis por tudo isso é o comerciante e ex-caminhoneiro Jair de Souza Silva, 72 anos. “Já fomos parar na delegacia por causa das plantas”, conta, lembrando o dia em que um grupo de meninos quebrou vários galhos de árvores com a bola, durante um jogo de futebol. “Destruir na minha frente, não”, dita ele, com veemência.

Apesar de não se enquadrar na turma dos pioneiríssimos da quadra — Jair mora no local há cerca de oito anos —, é um dos mais bem quistos da vizinhança. Amigo de dona Luzia Rodrigues da Costa, também de 72 anos, atribui a ela a “culpa” pela compra da casa. “Foi de tanto ela dizer que aqui era bom”, justifica.

Aliás, é isso que pretendem os moradores dessa quadra: querem mostrar às pessoas do Plano Piloto que não precisa

“Já fomos parar na delegacia por causa das plantas”

ser ruim morar em Samambaia. “Quando mudei para cá tinha muito pouca coisa, mas aos poucos, ganhamos comércio bom e até o único banco da cidade está perto de casa”, argumenta Luzia, cearense de Nova Ruças.

Samambaia foi planejada para ser uma cidade que abrigaria todas as classes sociais. Nos primeiros anos de consolidação, no entanto, isso parecia impossível, mas recentemente as belas casas vêm demonstrando que lá também é lugar de classe média. À exceção do Plano Piloto, Samambaia foi a única cidade que começou com obras estruturais e só depois passou a ser habitada. As pistas foram abertas e a rede elétrica, instalada antes da chegada dos moradores pioneiros.

Quando querem abrem os portões das casas, sentam-se

na calçada para conversar, como numa cidade de interior. A dona-de-casa Raimunda Coelho, 43 anos, morava no Céu Azul e não sabia o que era uma vizinhança boa. A filha Dayane, 13 anos, estuda no Centro de Ensino 2, pertinho de casa. Aliás, o Centro de Ensino 2 foi a primeira escola de Samambaia.

Dayane está sendo criada na QR 406. Sem pensar duas vezes, diz que na rua onde mora não falta nada, apesar das correções da mãe. Dona Raimunda lembra sempre que as crianças precisam de um lugar mais seguro para brincar. “Na rua não é bom”. Quando as amigas dizem que Dayane mora na roça, leva como resposta um desafio: “Diz isso porque não conhece a minha quadra”.

A igreja que freqüentam aos domingos também é a mesma. Em 1986, com a autorização da Arquidiocese de Brasília, conseguiram uma área para a construção da Igreja Nossa Senhora Aparecida. Os recursos, vindos da comunidade e de uma instituição alemã que oferecia ajuda a comunidades carentes, ergueram o que hoje é a grande igreja azul, facilmente vista por quem passa na pista de acesso às quadras 600.

UMA GRANDE CIDADE

- Área 105,89km — 4.400 hectares
- População: 180 mil habitantes (projeção Anuário Estatístico da 1994, Codeplan)
- Tem 37.181 lotes
- 114 quadras são residenciais
- 174 quadras são comerciais
- Duas quadras são industriais
- A cidade tem 275 igrejas - das quais 240 são evangélicas
- Primeira missa
- Em 22 de junho de 1986, na QR 406, conjunto 11 casa 09
- Primeiro casamento
- Em 2 de agosto de 1987, na QN 406. Casaram-se José Ális de Azevedo e Clara Salgado Azevedo Lima
- 47.016 alunos matriculados na rede oficial de ensino
- 602 salas de aula
- 42 escolas públicas
- Uma biblioteca pública com 15 mil livros no Parque Três Meninas
- 18 quadras de esporte públicas
- Um estádio de futebol com capacidade para 3.800 pessoas
- Uma delegacia
- Uma agência bancária
- 270 pontos de ônibus
- Dois terminais rodoviários
- 227 ônibus para transporte coletivo
- 11.549 linhas telefônicas residenciais e 731 residenciais

Fonte: Administração Regional de Samambaia

LEIA MAIS

Sobre as comemorações dos 10 anos de Samambaia amanhã